

LESLIE WOLFE

A CIRURGIÃ

LESLIE WOLFE

A CIRURGIÃ

Tradução de
Carmo Vasconcelos Romão
e Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Um agradecimento especial a Mark Freyberg, meu advogado e amigo da cidade de Nova Iorque, que me guiou com toda a sua perícia através das complexidades do sistema judicial.

Um empolgado agradecimento à Dra. Deborah (Debbi) Joule pela sua amizade e previdentes conselhos. Fez com que a minha pesquisa acerca das complicações da cirurgia cardiovascular fosse uma tarefa muito menos assustadora. A sua competência e paixão pela precisão e pelo pormenor transformaram a escrita deste romance numa experiência fantástica.

1

O PACIENTE

O que fiz?
O pensamento atravessa-me a mente, queimando-me e enfraquecendo-me o corpo. O afluxo de adrenalina preenche-me os músculos com a necessidade de correr, de fugir, mas não há sítio para onde ir. Trémula e fraca, deixo-me escorregar para o chão; a parede fria de azulejo é o único apoio das minhas costas. Por instantes, olho para as minhas mãos, mal as reconhecendo, como se nunca as tivesse visto protegidas por luvas cirúrgicas cobertas de sangue. Não as reconheço: mãos de uma desconhecida ligadas ao meu corpo por um erro inexplicável.

Um *bip* soa firme e incessante por cima do ruído constante do ar condicionado. Quem me dera poder ter forças para lhes pedir que o desliguem. A sala de operações está em silêncio, todos os olhos cravados em mim, muito abertos e tensos por cima das máscaras.

Apenas um par de olhos parece furioso, perfurando os meus sempre que pode, as íris azuis-aço do Dr. Robert Bolger que, ainda sentado junto ao equipamento de anestesia, não precisa de dizer nada. Dissemos um ao outro tudo o que precisa de ser dito. Até de mais.

– Desliga isso – murmura Madison.

Lee Chen carrega num botão e o som horrível cala-se. Depois, aproxima-se de mim e inclina-se a meu lado. Estende a mão para o meu ombro, mas detém-se antes de me tocar.

– Doutora Wiley? – murmura com a mão ainda no ar. – Anne? Vamos, venha.

Abano a cabeça lentamente, com os olhos no chão. Recordo-me da perfeita precisão da cobertura de polímero, aplicada no chão de todas as salas de cirurgia. Uma informação inútil que, sem razão, ocupa espaço no meu cérebro, pois sou cirurgiã e a utilizadora final destes pavimentos de mosaicos azuis, não a pessoa que decide que cobertura deve ser usada.

– Anne? – Madison repete o meu nome, em voz tranquilizadora, cheia de afeto.

– Não – respondo num murmúrio. – Não posso.

Uma esponja cirúrgica cai de cima da mesa, manchando o chão impecável a centímetros de distância da ponta do meu pé direito. Dobro a perna por baixo do corpo e olho para a esponja como se a mancha de sangue sobre ela pudesse vir atrás de mim.

Madison afasta-se sob o olhar furioso do Dr. Bolger.

Este suspira e desliga o equipamento, tornando mais profundos o silêncio e a tensão da sala.

– Bom, creio que acabámos. – Levanta-se com um gemido frustrado e lança um olhar carregado ao Dr. Dean, o ecocardiologista. – Vamos beber um café para lavar a recordação desta desgraça.

O Dr. Dean lança-me um olhar rápido, como que a pedir a minha aprovação. Provavelmente sente-se culpado por estar a ser selecionado por Bolger. Mal dou por isso.

Não reajo. Não consigo.

Sinto a mente algures, a reviver momento a momento o que aconteceu desde esta manhã.

O dia começou bem para mim, sem sinais do que viria acontecer. Uma caprichosa manhã de primavera, ventosa, o que tornou a minha caminhada matinal mais um exercício de força de vontade do que de resistência física. Chicago tem uma forma de mostrar aos seus residentes um amor exigente, com rajadas de vento gelado que cortam, por assim dizer, os ossos – sem que haja qualquer cirurgia envolvida; só o tempo e a percepção que as pessoas têm dele.

Exatamente como nas últimas semanas, fiz o circuito habitual de quatro quilómetros e meio de Lincoln Park, a olhar para os olmos e adernos com a esperança renovada de encontrar uma folha a nascer por muito pequena que fosse. Estava pronta para a primavera, para os jardins floridos e para o sol mais caloroso. Não pensava em mais nada; às seis e meia da manhã parecia ser mais uma vulgar quinta-feira. Ilusoriamente.

Cerca das sete e meia cheguei ao piso dos funcionários no parque de estacionamento do hospital e ocupei o lugar que me está reservado. Em casa, na noite anterior e no conforto do meu escritório, revira pela última vez os pormenores da cirurgia desse dia, uma rotina que estabeleci.

O procedimento agendado era um aneurisma da aorta ascendente a um paciente de cinquenta e nove anos chamado Caleb Donaghy. A intervenção estava marcada para as dez horas em ponto.

Estivera duas vezes com Caleb Donaghy. A primeira fora numa consulta. O seu cardiologista descobrira um grande aneurisma e enviara-o para nós, para uma cirurgia de reparação. Recordo-me nitidamente dessa consulta. O paciente estava compreensivelmente assustado pela descoberta, e ainda mais com cada palavra que eu lhe dizia. Manteve os braços firmemente cruzados como se protegesse o seu coração do meu bisturi. A sua barba mal cuidada tinha fios de um cinzento-amarelado e esse mesmo cinzento adornava-lhe as têmporas, tanto quando lhe pude ver debaixo do boné de beisebol que se recusara a tirar. Deixei que o conservasse.

Mostrou-se taciturno e argumentativo durante algum tempo, pondo em causa tudo o que lhe dizia. O que fizera para merecer um aneurisma? Os pais só recentemente tinham falecido e não de problemas relacionados com o coração. Só depois de uns bons quinze minutos a gerir a sua ansiedade consegui avaliá-lo.

Essa foi a primeira vez que nos encontrámos.

Vi-o de novo ontem à noite, depois de completar a sessão para o planeamento da cirurgia com a minha equipa. Caleb Donaghy fora admitido dois dias antes e repetira todas as suas análises ao sangue. Estava sentado, muito direito, na cama, com o boné manchado dos Chicago Cubs na cabeça, de braços cruzados, encostado às almofadas

e não fazia absolutamente nada quando entrei. O televisor estava desligado, não havia revistas na cama e tinha o telemóvel com o ecrã para baixo sobre a mesa-de-cabeceira. O quarto cheirava ligeiramente a tabaco velho e suor alcoólico. Estava amuado, infeliz e só. E estava irritado. Acabara de saber que lhe iam rapar a barba e o peito no pré-operatório. Para tornar ainda as coisas piores, alguém da administração do hospital passara para lhe perguntar se estava registado como dador de órgãos. Durante sete longos minutos, disse-me, de várias formas, que não ia deixar que o vendessem aos bocados. Sabia o que nós, os médicos, fazíamos a pessoas como ele, que não tinham família para nos processar nem dinheiro que interessasse. Pegávamos nos órgãos e transplantávamo-los em quem oferecesse mais. Senão, porque teriam vários edifícios do nosso hospital o nome da pessoa mais rica de Chicago?

Garanti-lhe que não seria o caso. Não quis ouvir. Depois disse-lhe que tudo o que tinha de fazer era dizer não, e o transplante de órgãos deixaria de ser uma possibilidade no caso de um resultado negativo da cirurgia. Que é o calão dos cirurgiões para a morte na mesa de operações. Aquilo silenciou-o imediatamente.

Mas isso foi ontem.

Esta manhã, Madison tinha o meu café pronto quando entrei no gabinete. É a melhor enfermeira médico-cirúrgica com quem trabalhei e minha assistente pessoal quando não está com a roupa do bloco.

Madison; Lee Chen, o talentoso segundo enfermeiro médico-cirúrgico da minha equipa; Tim Crosley, o perfusionista cardiovascular que manobra a máquina do coração e pulmões a que chamamos «a bomba»; e o Dr. Francis Dean, o ecocardiologista, fazem parte da minha equipa cirúrgica permanente. Depois, é um jogo de sorte com os anestesistas e a palhinha mais pequena e aborrecida saiu-me com o Dr. Bolger. Há nele algo de desagradável. Talvez a sua misoginia não disfarçada. Correm boatos de que foi por duas vezes censurado pela administração do hospital por injúrias sexistas, insistindo que as mulheres não deveriam estar presentes no cenário clínico acima da profissão de enfermeiras. O desprezo pelas mulheres sai-lhe pelos poros, embora recentemente se tenha tornado mais cuidadoso em não

o mostrar. É também um filho da mãe arrogante, apesar de ser um anestesista excelente. Os seus feitos profissionais alimentam a sua insolência e diluem a resolução da administração do hospital quando se trata dos seus problemas comportamentais. É este o Dr. Bolger.

Quando estamos juntos na sala de operações, tento sempre que as coisas funcionem o melhor possível para bem do paciente e da equipa cirúrgica.

Nunca resulta. É sempre preciso que as coisas funcionem pelos dois lados.

Lembro-me de ter soltado um palavrão em surdina ao ver o nome dele na agenda, mas depois afastei a questão da mente.

O Dr. Bolger já estava na sala de operações quando entrei. «Bom dia», disse eu, sem esperar uma resposta que também não veio. Apenas um breve aceno e um olhar de lado detrás da cortina cirúrgica que separa o mundo dele do meu, antes de voltar a sua atenção para o carrinho do equipamento à sua direita. A máquina de anestesia ajuda-o a fornecer as doses precisas. Controla as vias aéreas do paciente por detrás dessa cortina protetora. Durante a cirurgia, raramente, ou talvez nunca, vejo o rosto dos pacientes.

A minha atenção está focada no coração deles.

Tenho quarenta e um anos, e há doze que faço isto, desde que terminei o internato de cirurgia geral. Depois, passei para a cardiotorácica e nunca mais olhei para trás. É o que sempre quis fazer. E nunca perdi um paciente na mesa de operações.

Até hoje.

Essa ideia atinge-me como um murro no estômago.

Por um instante, regresso ao triste momento presente, olho à minha volta e tento registar o que vejo. Os focos cirúrgicos apagaram-se. Madison ainda ali está, a olhar-me preocupada. Lee Chen está sentado na sua cadeira, pronto para se levantar de um salto se necessário. Tim Cosley está sentado junto da bomba, com as costas curvadas e a cabeça baixa. Se pudesse apoiaria certamente a cabeça nas mãos, mas ainda está a trabalhar, ainda tem de manter a esterilização. Enquanto a bomba zumbir, continua de serviço.

Os meus pensamentos voltam-se para a cirurgia. O bloco operatório estava cheio de conversas entusiasmadas como era habitual.

Virginia Gonzales, a enfermeira circulante, que anda para trás e para a frente mantendo-nos organizados e trazendo-nos aquilo de que precisamos, partilhava as suas experiências acerca do namoro *online*. Acabava de passar por um divórcio terrível. Decidira recentemente que podia continuar a sair e a conhecer gente. Admirava nela a resiliência e tinha uma secreta esperança de que não fosse o desespero que lhe causava a ideia de viver uma vida completamente só. Mas o seu primeiro parceiro no Tinder acabara por ser um homem que se disfarçara dramaticamente e toda a equipa ria enquanto ela contava os pormenores. Dissera ser um executivo dos transportes quando afinal era camionista. Não havia nada de mal nisso, disse Ginny imediatamente, mas o homem não sabia o que era limpeza dentária e durante o encontro de vinte e cinco minutos deixara escapar que frequentava prostitutas quando andava na estrada. Das baratas, garantiu imediatamente a uma Ginny assombrada.

Ao ouvi-la falar não pude deixar de pensar como estava grata pelo meu marido e pelo meu casamento. Morreria ermita se tivesse de voltar a procurar parceiro.

Uma gargalhada rápida soou no bloco operatório quando Ginny acrescentou: «Fugi logo dali.»

O Dr. Bolger olhou-a.

– Vamos tentar que haja algum profissionalismo aqui, se for possível – disse pausadamente, separando as palavras para causar impacto. – Se não for pedir muito.

Abstive-me de discutir com ele. Todos estavam a trabalhar e a desempenhar as suas tarefas. As equipas cirúrgicas funcionam melhor quando têm uma forma de se descomprimir. Se houver silêncio numa sala de operações, se ninguém partilhar uma história, se não houver música a tocar, então há alguma coisa de muito, mas de muito errado.

Preferia tê-los a rir durante toda a cirurgia. É assim que se mantém a morte à distância. Comigo tem dado resultado. Até agora.

– O que prefere? – perguntou Madison junto à aparelhagem.

– Um, deixe-me ver. – A caminhada matinal fizera-me pensar nos Beatles. – Tem «Here Comes the Sun»?

Madison sorriu atrás da máscara. Vi pelos olhos dela. Adorava-os.

– Tenho aqui toda a coletânea dos maiores êxitos.

– Ponha-a – disse eu, passando entre o equipamento e a mesa de operações até chegar ao meu posto, junto ao peito do paciente.

A música encheu a sala.

Cantarolando estendi a mão e o bisturi caiu firmemente sobre ela. Não era preciso pedir; Madison sabe como trabalho. Tenho a certeza de que é capaz de me ler a mente, embora essa possibilidade não esteja cientificamente provada.

A partir da primeira incisão – uma linha vertical no centro do esterno – todos os passos da intervenção são de rotina.

A esternotomia para expor o coração.

A abertura do pericárdio, a fina membrana que envolve o coração e a exposição do aneurisma.

Era grande, um dos maiores que já vira. Mas já o sabia, dos anteriores estudos de imagem. Estávamos preparados para aquilo.

– Ligar a bomba – disse eu, dando instruções a Tom para começar a fazer circular o sangue do paciente através da máquina do coração e pulmões. – Pinça de oclusão preparada – afirmei. – Solução salina fria – pedi. E foi administrada uma solução de potássio nas cavidades do coração. Lavei generosamente o exterior do coração, sabendo que o fluido frio conservaria o tecido cardíaco enquanto trabalhássemos. Em segundos, o coração parou e a sua imobilidade semelhante à morte foi anunciada pelo zumbido que esperávamos. O som assistólico ou a ausência de batimento cardíaco.

Com o coração perfeitamente imóvel, comecei a trabalhar para substituir o aneurisma aórtico com um implante. Levei quase todo o álbum dos Beatles a cosê-lo.

É estranho como me lembro sobretudo do frio. Está sempre frio no bloco operatório. O sistema de ar condicionado lança ar a uma temperatura de dezassete graus. O jato frio que baixa a temperatura do coração e o imobiliza é lançado a cinco graus, um pouco acima do ponto de congelação. Algum tempo depois, sinto os dedos dormentes, mas movo-os o mais depressa que posso. Porém, hoje parecia estar mais frio do que o habitual, a única premonição que posso dizer que tive.

Não acredito nelas. Tenho as minhas razões.

Quando acabei de coser o implante, examinei atentamente o meu trabalho, verificando se os pontos estavam suficientemente apertados.

O teste final seria quando o sangue começasse a circular através do implante. Veria depois se existia qualquer fuga e, nesse caso, repará-la-ia. Geralmente tal não acontecia. De momento fiquei satisfeita.

– Solução salina quente – pedi. Essas três palavras marcaram o final do estágio de cardioplegia da cirurgia, em que o coração se encontra perfeitamente imóvel. Lavei generosamente o órgão com a solução salina quente, desfrutando da sensação de calor nos meus dedos gelados e depois usei a sucção para retirar o excesso da solução.

– Vou retirar a pinça.

A pinça fez um ruído metálico quando caiu sobre o monte de instrumentos já utilizados. Sustive a respiração, sabendo que aquele era o momento da verdade.

O coração manteve-se perfeitamente imóvel.

Não havia fibrilação, nem o mais leve batimento. Nada. Perfeitamente imóvel.

E isso quase nunca acontece.

– Começar a reanimação – declarei. Madison apontou para a aparelhagem e Ginny desligou-a e ligou um segundo temporizador, com grandes números digitais a vermelho. O silêncio enchia a sala, um silêncio sinistro e indesejado, acentuado pela linha assistólica que zumbia no monitor cardíaco. – Epinefrina, rápido!

– Epinefrina a entrar – confirmou o Dr. Bolger.

A injeção de epinefrina deveria ter feito efeito, mas não. Massagei rapidamente o coração, sentindo-o completamente não reativo sob a pressão.

– Pás – pedi em voz tensa, impaciente. Madison meteu-as nas minhas mãos. Colocando-as cuidadosamente em lados opostos do coração, gritei «Afastem-se» e carreguei no botão. Uma breve interrupção no zumbido e depois o som das más notícias regressou.

Experimentei mais algumas vezes e depois massagei de novo o coração com as mãos.

– Preciso de mais epinefrina. Tempo?

– Dezassete minutos – declarou Madison em tom sombrio.

– Maldito – resmunguei em surdina. – Vamos Caleb, fica connosco.

Continuei a massagem por mais uns minutos, mas nada aconteceu. A bomba continuava a oxigenar-lhe o sangue e a levá-lo aos órgãos,

mas o coração era outro problema. O seu tecido já não estava protegido pela solução fria de potássio. Deteriorava-se a cada minuto que passava e a possibilidade de voltar a bater diminuía rapidamente.

– Vamos! Despacha-te! Vive! – gritei. – Volta!

Senti necessidade de olhar para o rosto do paciente, como se este pudesse conter respostas. Dei um pequeno passo para lá do lençol cirúrgico – e fiquei gelada, de boca aberta sob a máscara, com a mão parada no ar. Creio que soltei uma exclamação abafada, mas penso que ninguém reparou, debaixo do zumbido do ar condicionado, do sussurro da bomba e do barulho do monitor.

Reconheci o homem

Senti o sangue gelado.

O rosto que ontem vira e não reconhecera estava agora barbeado. A testa calva, marcada por uma mancha cor de vinho do Porto do lado direito. O sinal de nascença era vermelho e de forma irregular e espalhava-se-lhe na testa como se alguém tivesse lá entornado vinho.

Precisei de toda a minha força de vontade para recuar para trás do lençol. Respirei fundo, grata pelo ar fresco que evitava que a minha mente enlouquecesse. Pousei as pás sobre a mesa e fiquei a olhar para o coração que se recusava a bater.

– Tempo? – perguntei mais uma vez, desta vez em voz sufocada.

– Vinte e um minutos – respondeu Madison.

Enfiei as mãos no peito dele e massajei o coração, sabendo que as minhas compressões não resultariam.

Obriguei-me a respirar e disse:

– Vou declarar o óbito.

– Como? – O Dr. Bolger pôs-se de pé de um salto. – Estás maluca?

Continua.

Já esperava.

– Podia continuar, mas ele não vai reagir, Robert. Tentámos tudo.

O coração não me dá o mínimo batimento.

Os seus olhos de aço atingiam-me como dardos envenenados.

– Vais desistir já? Porquê? As tuas lindas mãozinhas estão cansadas, amor?

Deixei passar. Não ajudaria ninguém, se discutíssemos diante do peito aberto de Caleb Donaghy.

– O caso é meu. A responsabilidade é minha. – Aguentei firmemente a agitação do olhar dele. – Hora do óbito 13:47.

Um silêncio pesado apoderou-se da sala. Depois, as pessoas começaram a movimentar-se, recolhendo instrumentos, descalçando as luvas, desligando o equipamento. Apenas Tim se mantinha no seu lugar, com a bomba ainda a trabalhar conservando os órgãos e os tecidos de Caleb.

– É inacreditável o que aconteceu aqui hoje – disse o Dr. Bolger. – Ridículo até. Não perdeste apenas os três... deitaste-os fora.

A referência sexual ao facto de eu nunca ter perdido um paciente deixou-me a imaginar até que ponto o seu desdém não seria, de facto, inveja. Mas essa ideia desapareceu imediatamente.

Depois, a realidade atropelou-me como um comboio de mercadorias.

Que fiz eu? Terei acabado de matar um homem?